

O INIMIGO DO REI

O INIMIGO DO REI - ENFIM, UM JORNAL ANTIMONARQUISTA - Nº 1 - ANO I - OUTUBRO DE 1977. Cr\$ 3

COMO PINTAR UM PÁSSARO

Jaques Prevert

Pinte primeiro uma gaiola
com a porta aberta.
Em seguida pinte
alguma coisa graciosa,
alguma coisa simples
ao pássaro. Depois,
alguma coisa útil . . .
ao pássaro. Depois, coloque a tela contra uma árvore
no jardim,
no
bosque
ou na floresta
e esconda-se atrás da árvore
sem dizer nada,
sem se mexer
às vezes o pássaro chega logo,
mas pode levar muitos, muitos anos
até se resolver.
Não desanime,
espere
se preciso, durante anos.
A velocidade ou a lentidão da chegada
do pássaro não tem a menor relação
com a qualidade da pintura.
Quando ele chegar (se chegar)
mantenha o mais profundo silêncio,
espere que ele entre na gaiola. Depois que entrar, feche
levemente a porta com o pincel.
Aí então apague uma por uma todas as varetas.
(Cuidado para não esbarrar em nenhuma pena do
pássaro). Finalmente pinte a árvore, /reservando o mais
belo de seus ramos ao pássaro.
Pinte também a verde folhagem e a doçura do ven-
to, a poeira do sul, o rúmorejo dos bichinhos da relva no
calor da estação. Depois, aguarde que o pássaro se deci-
da a cantar. Se ele não cantar,
mau sinal:
sinal de que o quadro não presta.
Mas bom sinal, se ele canta; /sinal de que você pode
assinar o quadro.
Então retire suavemente
uma pena do pássaro
e escreva seu nome a um canto do quadro.
(trad. Carlos Drumond de Andrade)

Intelectuais,
Mistificação
e Poder
(Páginas 6 e 7)

Federação livre
de estudantes
(Página 10)

A democracia
outorgada
(Página 9)

Universidade
(Página 3)

*"Há uma ambição que deveria ter todos
os escritores: ser testemunho e gritar
toda vez que se possa e na medida de
nosso talento, por quem se
encontra em servidão"*

(Albert Camus)

COMUNICADO

O autoritarismo está sendo combatido em todos os meios culturais europeus. Entretanto, devido à situação política do nosso País, os trabalhos desenvolvidos lá fora são praticamente impossíveis de serem publicados aqui, ao menos a curto prazo. Não só por causa da censura oficial, mas por causa também da censura das próprias editoras. Todos têm sua ideologia.

É tentando furar este bloqueio cultural imposto — não se enganem — não só pelo Governo, como também por grupos que se dizem "progressistas", que o INIMIGO DO REI pretende desenvolver a divulgação de trabalhos que nos permitam pelos menos ter uma idéia de como e para onde está caminhando o desenvolvimento político, econômico, social, etc.

No que diz respeito ao movimento estudantil, a posição deste jornal é radicalmente contra a dominação de alguns estudantes sobre outros, tentando propor uma saída através de um trabalho autogestionário, isto é, uma organização estudantil forte e que funcione sem a liderança autoritária de pequenos grupos.

O INIMIGO DO REI pretende, por todos os meios realmente democráticos, dar subsídios de discussão e debates que possam proporcionar a formação de uma nova mentalidade de ação e organização do movimento estudantil, tornando-o mais conseqüente, anti-autoritário e não-suicida, para não cairmos no mesmo erro que destruiu o movimento estudantil em 1968.

Achamos que o estudante deve ter uma real consciência crítica dos seus problemas havendo, assim, como agradável e salutar consequência o desaparecimento do dirigismo e do autoritarismo, permitindo um agrupamento realmente livre de estudantes.

Quando falamos em divulgar novas idéias, a evolução do pensamento, etc., queremos dizer que a finalidade de O INIMIGO DO REI é dialogar sobre a situação vigente no pensamento social moderno. Por outro lado, é um veículo que pretende ser, ele mesmo, uma nova proposta. Quer como organização de trabalho, quer como conteúdo. Nós partimos do ponto de vista fundamental de que todo agrupamento humano deve se organizar sem chefes, porque, se houver um chefe ou "líder", essa pessoa, mesmo inconscientemente, exercerá uma pressão — ou ou mesmo uma ditadura — sobre os "liderados".

Qualquer liderança implica em privilégio e necessária opressão dos liderados. Achamos que todos os modelos ditatoriais de organização, quer de governos, quer de entidades estudantis, refletem o interesse das classes dominantes no sentido de reter privilégios ou de conseguir outros.

Só poderá haver uma libertação quando a organização que coordena esse processo for resultado da vontade livre dos homens e não da cabecinha privilegiada das lideranças. Por isso somos contra toda forma de chefia.

A luta deste fim de século é basicamente contra o autoritarismo em todas as suas formas. Nota-se isto sensivelmente na pedagogia moderna, na antipsiquiatria e nos movimentos estudantis de todos os lugares onde a ignorância e o subdesenvolvimento não existem, não gerando, assim, a mediocridade autoritária, centralista, e a alienação dos liderados.

Em decorrência do exposto, é que chegamos à conclusão de que O INIMIGO DO REI deve ser (como pretende mostrar a partir deste seu primeiro número) um jornal que faça chegar aos colegas informações e críticas, repetimos, mais atuais. Para isso, o primeiro passo é escapar à tendência em se escrever meros panfletos sectários. Não estamos aqui para jogar uma "verdade" que deve ser aceita cegamente. Aliás, não pretendemos jogar nenhuma "verdade" e muito menos que ela seja aceita sem críticas, de cabeça baixa.

Como meio essencialmente de Comunicação que pretende ser não pode censurar — ou, se preferirem o eufemismo, "selecionar" — as informações que pretende veicular. Sendo assim, nada mais natural do que ser um jornal aberto a todas as críticas. Aliás, uma das finalidades essenciais de O INIMIGO DO REI é exatamente levantar críticas, derrubar mitos, quebrar a falsa indestrutibilidade dos dogmas. Colocar em cheque as "verdades" estabelecidas. Não ter medo de mostrar as contradições, mesmo das posições ditas progressistas.

Acreditamos que só saindo deste marasmo intelectual, escapando desta enxurrada de chavões panfletários, sintetizando o que sobrar das contradições de todas as propostas que são colocadas aos colegas, só assim poderemos chegar a um consenso que finalmente poderá ser chamado de consenso da maioria.

UM REI

Participaram da edição deste número os grupos:
FANTASMA DA LIBERDADE (Filosofia), UM ESTRANHO NO NINHO (Economia), OVELHA NEGRA (Comunicação) e FIM DE FESTA (Ciências Sociais).

O forte precisa sempre defender a sua força e fazer leis para sua própria proteção contra os fracos. O dever do fraco é servir ao forte, e o dever do forte é servir a si mesmo.

Para o REI ambicioso é imperativo não possuir rivais. Uma nação bem sucedida, necessita apenas de um chefe. Todos os outros homens devem ser escravos. Um REI pode receber, mas não ceder benefícios.

Um REI nunca deve ser fraco. Ser bom, é prejudicial; mas aparentar ser bom, é útil. Aqueles que pretendem ser um modelo de bondade para com os outros homens serão os primeiros a se arruinar. A fim de preservar o poder é muitas vezes necessário agir contra a justiça, a caridade, a humanidade e a boa fé. Seus súditos porém não devem suspeitar disso. O hábil condutor de homens deverá fazer seus súditos acreditarem que ele os está protegendo no mesmo momento em que os oprime. Um REI, não deverá conside-

rar nada mais do que os seus próprios desejos; sendo assim, deverá ter a mínima consideração para com os direitos dos outros. "Roube tudo que puder e faça silenciar os que se queixarem; aparente sempre ser um rei liberal. Não vá muito longe; não porque seja um erro, mas porque é perigoso possuir demais".

Para um REI, é aconselhável gastar apenas o dinheiro dos outros. Não é sábio para um rei ser muito generoso para com os seus súditos. Se o for, a princípio obterá grande reputação, mas depois quando seus fundos se esgotarem, ver-se-á obrigado a aumentar os impostos do povo.

Um REI, cuja missão é escravizar todo mundo, não pode nunca ser suave. Um rei, para conservar a obediência de seus súditos e o respeito de seus soldados, terá de sufocar em si o homem e desenvolver a besta.

Recomenda-se ao REI cultivar a voracidade do leão e a astúcia da raposa. A força é maior que a jus-

tiça e a mentira é mais poderosa do que a verdade. É fácil para um REI quebrar sua promessa. "Nenhum rei necessita arranjar razões para encobrir uma quebra de palavra, pois quase todos os outros homens são estúpidos".

É melhor ser temido do que amado. Quando tiver o Rei um rival fora dos seus domínios, fazer uma investida contra ele e destruir inteiramente as suas raízes. Um Rei ambicioso não pode ser cruel apenas em parte, se-lo-á de um modo completo ou terá de renunciar à sua ambição. Além disso, precisará de um método, embora não haja medida para sua crueldade.

Um REI nunca deve distrair sua atenção dos objetivos militares. Em tempo de paz deverá sempre preparar-se para a guerra. Suas leituras, seus jogos, estudos e suas mais sérias meditações deverão centralizar-se na única questão do saber como conquistar partidários. (Baseado nos "Dez Mandamentos" de Maquiavel).

UM CHEIRO DE SANGUE PODRE!

Os representantes da Ala Jovem do MDB na Escola de Economia, mais conhecidos como "Sangue Novo", voltaram ao ataque nas últimas eleições para o DCE. Num panfleto intitulado "Cordel-Sangue Novo apresenta: O Drama da Universidade" encontramos os seguintes versos: "O Frenético Frederico/Expulsou o Presidente do Da. de sua escola/Mas toda gente consciente/Que cursa nessa escola/Ao tirar os nove fora/Vê Fred incompetente". Afora discussões estereis sobre a personalidade de tão famigerado personagem, sentimos como de baixo nível é este tipo de acusação eleitoral. E mais, é profundamente paradoxal que Sangue Novo venha atacar nominalmente um dos responsáveis pela censura de filmes no início do ano em nossa Escola. Censura de filmes, que Sangue Novo apoiou abertamente.

Lembre-mos que o grupo de resis-

tência "Um Estranho no Ninho", tentou exibir no começo do ano em nosso D.A. dois filmes, sendo proibidos de fazê-lo pela diretoria do D.A., da qual fazia parte o indigitado personagem do Cordel. O Diretor da Escola igualmente proibiu a exibição: a censura come de todos os lados. Os filmes eram "Malatesta" (filme de arte alemão sobre o militante anarquista homônimo) e "Tchecoslováquia 1918-1968" (sobre a repressão militar russa à verdadeira revolução socialista no dito País). O D.A. censurou os filmes sem dar explicação. Até hoje não se sabe o que há no conteúdo dos filmes que não poderia ser visto pelos estudantes de Economia. O D.A. é o Departamento de Censura e Diversões Públicas da Escola de Economia.

Quando do episódio, o grupo "Um Estranho no Ninho" lançou uma justa nota de protesto. Em resposta não vieram os censores e sim seus advogados de

defesa: quem? O grupo Sangue Novo. Em seu panfleto de nome "O Folhetim" justamente abaixo do retrato de um leitor do MDB e de uma matéria intitulada "Participe da Resistência Democrática: FILIE-SE (o grifo é nosso) ao MDB" (sugestivo e sintomático!), eles defenderam a censura imposta pelos ocupantes do D.A. (do qual fazia parte o senhor Frederico, atacado por eles nominalmente no cordel como o "chefe" do D.A.).

O que quer afinal esta facção da Ala Jovem do MDB na Escola de Economia? Um dia defende uma atitude totalitária da oligarquia a que manda no D.A.; outro dia aponta, acusa, entrega nominalmente, o membro mais proeminente da oligarquia. Este grupo com estas atitudes dignas de repúdio, demonstra seu oportunismo, fielmente calcado no oportunismo do MDB: a classe média em busca do poder.

Podemos melhorar o curso de Filosofia?

Sempre que surgem críticas, inclusive através da imprensa, a respeito de Filosofia, ou particularmente, do curso de Filosofia da UFBA, tocam apenas nos seus problemas, isto é, nos problemas que abrangem de uma forma geral todos os cursos da universidade, esquecendo assim, de dar mais ênfase ao papel que exerce a filosofia na sociedade, qual a sua importância histórica, as influências filosóficas nos processos de transformação social etc. Infelizmente, os próprios estudantes de filosofia têm uma visão um tanto errônea em relação à infra-estrutura universitária de como se pratica nos meios acadêmicos a filosofia e de como são analisados os sistemas filosóficos, porque é interessante frisar que é necessário dentro da universidade uma estrutura que possibilite as pesquisas filosóficas (através de uma biblioteca sempre atualizada), de debates (através de uma maior liberdade), com um conjunto de professores especializados no assunto etc., mas, a questão que parece ser fundamental é a seguinte: Qual a saída possível no momento para a solução destes problemas?

A maioria dos estudantes de filosofia têm uma visão um tanto suicida quando se questiona estes problemas através de afirmações de que o Curso não presta, professores não prestam, biblioteca não presta, que está tudo "embolorado", e até afirmação de que só com uma grande transformação social é que podemos aprender filosofia. Porém, nós, estudantes, não podemos ficar só nestas críticas, e sim, fazermos uma análise geral do curso penetrando nos seus mínimos detalhes e acharmos uma melhor saída, pois, a realidade é que todos os cursos são deficientes, e a extinção, principalmente do curso de filosofia, de uma certa forma é de interesse da própria estrutura social em que vivemos que se marginalize tudo que permite uma visão crítica da sociedade. Só nos restam duas armas: nós estudantes e os professores.

O que há concretamente no curso de filosofia é que a grande maioria dos alunos entram na universidade totalmente despreparados intelectualmente, e se fizermos uma pesquisa, veremos que noventa por cento destes estudantes escolheram este curso por considerá-lo o mais fácil, unicamente para adquirir um diploma universitário, para servir de "trampolim" para outros cursos etc. Um fato é que a biblioteca é deficiente, outro é que os estudantes nem sequer procuram (há dezenas de livros de filosofia que até hoje nunca foram usados), gritam com razão por uma melhor biblioteca, mas é preciso que se explore o que tem. Outro fato é que o quadro dos professores é um dos melhores da universidade. Basta citarmos nomes como Auto de Castro, Ubirajara Rebouças, Francisco Pinheiro, Fernando Régo, Dalle Nogare, etc., para sentirmos que há gente competente no curso. Mas devido aos problemas acima citados, estes professores dão aulas para uma maioria tão despreparada que parece ser algo surrealista.

A verdade é que a situação ainda permite eficientizarmos o curso de Filosofia. Só nós, estudantes e professores, podemos fazer isto. Esperarmos de braços cruzados por um talvez futuro melhor é correr o risco de não existirmos. Nem sequer hoje.

Eis a questão.

Ciências Sociais: A quem serve o Diretório?

O curso de Ciências Sociais é sabidamente um curso cheio de problemas. Problemas que começam a partir das próprias dificuldades que enfrenta a profissão no atual estágio político do País, e que estendem-se até seus reflexos internos no curso como a anacronia do currículo, a carência de disciplinas em Política e Antropologia, o baixo nível de grande parte do corpo docente etc, e que em última análise, ameaçam diretamente a própria capacidade crítica e profissional do estudante que é formado sob estas condições. Manifestação clara disto é o que demonstram certos colegas que, entre outras deformações, revelam total incapacidade de perceber e agir coerentemente em termos de Movimento Estudantil.

Em Ciências Sociais, como também ocorre nos outros cursos, a ação a nível de diretório é "coordenada" por uma pequena minoria. O que choca no caso do nosso curso é que, talvez mais que em qualquer outro, a alienação e a desinformação se elevaram arrogante e autoritariamente ao poder. O tipo de gente hoje à frente do DACS, é o modelo típico da-

quilo em que o sistema tenta transformar o cientista social: um indivíduo sem qualquer espírito crítico, apático e subserviente a ordens e opiniões superiores (no caso às do DCE). Pior que tudo é que contando com a convivência de setores obscurantistas do Colegiado, estas pessoas sempre que podem, "cassam" toda e qualquer manifestação lúcida por parte de outros colegas. Da mesma forma, numa atitude tipicamente reacionária, estimulam e usam o desinteresse geral do estudante em particular diretamente do ME, pois assim podem planejar e executar mais sossegadamente seus desmandos, atitude por sinal características dos diretórios.

Tende-se a ver o Movimento Estudantil como algo inconseqüente porque assim são aqueles que se arrogam únicos representantes do mesmo. Cabe ao estudante de Ciências Sociais, mostrar que as coisas não são como vê e quer a "elite dirigente", e que ainda é possível lutar seriamente e com formas livres de organização, pela melhoria das condições do curso e pela defesa dos interesses do estudante, da profissão e da comunidade.

Comunicação? Que Comunicação?

Nas salas de aula, o estudante de Jornalismo corre o risco de ouvir coisas como "um jornal é composto de máquinas de escrever e máquinas de fotografar. Tem mesas, cadeiras, etc.". Muito a propósito, a disciplina cujo professor pronuncia semelhantes tolices passou logo a ser conhecida como: **Introdução ao Óbvio, pré-requisito para Óbvio Ululante I**, etc.

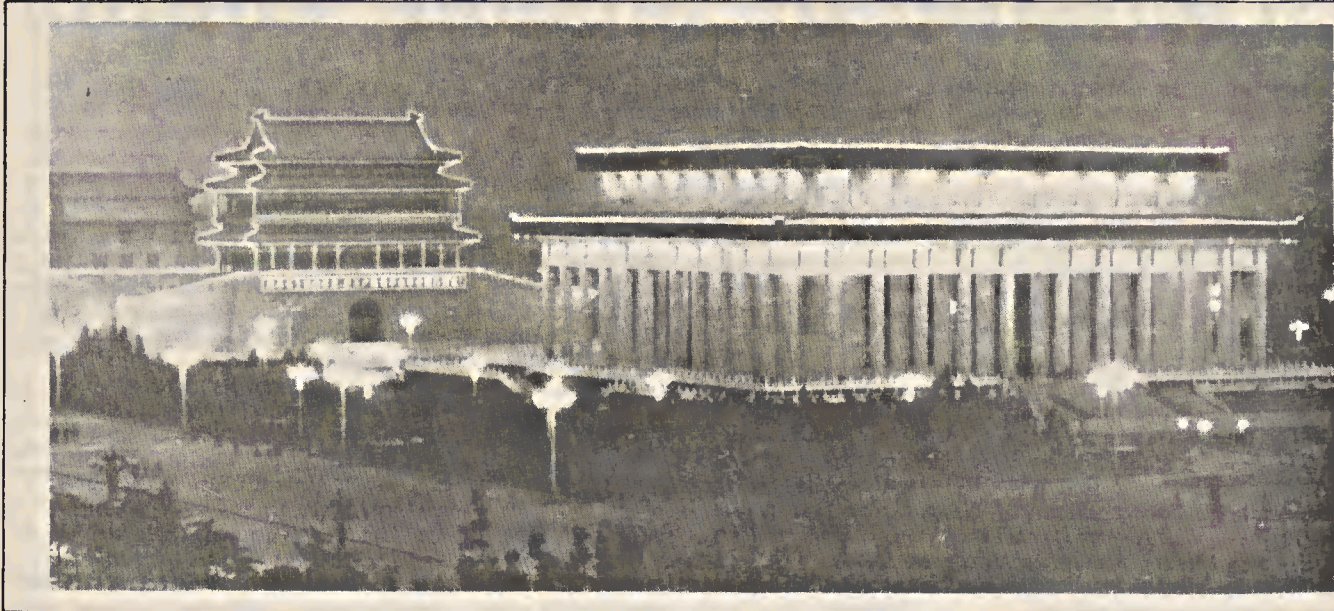
Ou ainda, uma aula de Fotojornalismo (o que, em absoluto, não significa AULA DE FOTOGRAFIA): "Isso aqui é um obturador. Um botão que você aperta e plác! Tira a foto". Tem mais: o professor, segundo denunciam os colegas estudantes, não sabe sequer operar razoavelmente com um ampliador (pasmem).

Bem, são apenas exemplos do que se suporta neste curso. Saindo daí, o sujeito vai parar num verdadeiro ninho de cobras. A censura interna nos jornais con-

corre freneticamente com a paranóia da censura oficial. Aliás, recentemente, o sr. Brezhnev apresentou a nova constituição russa. E aí, para justificar a total ausência de indícios, aberturas ou coisa do gênero, disse que o "povo russo ainda não estava preparado para a liberdade" e balseiras do gênero (que, aliás, estamos acostumados a ouvir de vez em quando por essas bandas de cá (também). Pois bem. Teve um jornal em Salvador que simplesmente não publicou a notícia, enquanto um outro dava um destaque razoável.

Não publicou por que? A notícia foi distribuída regularmente pelas agências. Censura? Claro. Na outra forma de entender a coisa. É esse o clima. Isto é, enfim, o jornalismo baiano. Maiores delongas "intelectualóides" em torno do assunto, seria apenas uma tividade lúdica.

OS FARAÓS DA ESQUERDA REACIONÁRIA



O mausoléu de Mao: lembrando o tempo dos faraós.

... e Mao Tse-Tung foi mumificado.

A prática é antiga, mas por certo nunca esteve entre as tradições chinesas em nenhuma época da história.

A mumificação se baseia na crença religiosa de alguns povos, de que um corpo intacto guardará a alma eternamente viva. Que se queira guardar Mao como relíquia intacta, se compreende na atual miscelânea ideológica em que se transformou o pensamento autoritário marxista. Agora, o que não se admite é que Hua Kuo-feng, o novo presidente chinês, queira manter viva a alma de Mao. O marxismo, pelo menos com o próprio Marx, era ateu. Marx sempre pregou o desprezo pela liderança exacerbada no contexto revolucionário, passaria em passe de mágica de ditadura DO proletariado para ditadura SOBRE o proletariado. Para tanto não há escrúpulos a medir. A China dá demonstração cabal disto. Os intelectuais chineses abandonaram qualquer purismo ideológico e mumificaram até o gato de Mao, se isto for necessário para manter o poder. A mumificação foi um coroamento do processo de endeusamento iniciado pelo próprio Mao Tse-Tung. Era adorado em toda China. Pelos jardins espalhavam-se estátuas suas, em tamanho natural, feitas de mármore branco. Um paradoxo marxista. Mao se transformou num novo deus com sua religião, o maoísmo.

Intenções diversas, por certo, tinham os in-

cas pré-colombianos, que também usavam a mumificação. Os Jivaros do alto Amazonas também usavam a mumificação. Os Jivaros do alto Amazonas também conservam cadáveres. Mumificam e depois reduzem as cabeças dos mortos e carregam-nas como amuletos. No Egito, no entanto, é que a arte de embalsamar atinge seu ápice. Os egípcios, nos conta Heródoto, foram exímios mumificadores. Até hoje existem amostras desta arte como Amenófis I, Tutmés III, Seti I e Ramsés II. Este último, dizem os cronistas sociais, guarda uma estranha majestade nas feições, não negando sua origem nobre.

Não se explicou ainda o porquê da direita totalitária não ter mumificado ninguém. Mas não esperamos muito para ver isto, pois a direita usa os mesmos métodos dos socialistas autoritários. Aguardemos para breve múmias de Pinochet e Stroessner.

A prática nos países da esquerda autoritária é velha. Em 1924, quando Lenin morreu, os dirigentes russos temiam uma guerra civil. Demorou-se 16 horas para noticiar a morte do líder. Tramou-se um aparato fúnebre para galvanizar a atenção do povo. A morte foi anunciada nas rádios em uníssono: "Lenin morreu, mas o leninismo vive. "Só isto não bastava. Quando descia à tumba, todos os veículos, fábricas e navios apitaram durante 3 minutos. Mas, e depois? Perguntavam-se todos. Como o pragmatismo de quem está no poder é sempre

maior que a ingenuidade de quem é governado optou-se por divinizar Lenin. Mumificado, "o líder da nova humanidade" está exposto à visitação pública.

Irônica é a história. Marx criticava a cultuação de revolucionários de seu tempo. Acreditava que os homens eram angelicais e que comandariam a "ditadura do proletariado" sem se apegarem ao poder. Mais irônico é que o PC soviético, apesar de oficialmente ateu, seguiu os preceitos da Igreja Ortodoxa Russa, que diz que o corpo do verdadeiro santo não se decompõe (sic).

A escola teve seu primeiro aluno na Bulgária. O PC mandou mumificar Georgi Dimitrov, expondo-o em santuário.

A China portanto, não inovou como acusaram alguns. Seguiu uma prática que se torna corriqueira. Mas, se no socialismo todos são iguais, espera-se ainda que daqui há alguns anos todos os mortos sejam mumificados na China, URSS e Bulgária. Para manter coesa uma sociedade que carrega tantas contradições em seu seio, como as gritantes disparidades salariais dos burocratas para os operários chineses, uma relação de 8 para 1, preservaram Mao Tse-Tung I, faraó de todas as chinas, como algo natural. Mao só não guardou a majestade de Ramsés II do Egito. Afinal, para desagrado do PC, Mao não era descendente de nenhuma das dinastias que governaram o país durante milênios. Enfim, nada é perfeito, pensou Hua Kuo-feng. . .

URUGUAI: A DIREITA TOTALITÁRIA

Com 400 mil cidadãos fora do país, fugindo da perseguição política e do desemprego, o Uruguai é hoje uma caricatura do que era a chamada "Suíça das Américas".

De todos os regimes de direita da América Latina, o Uruguai é sem dúvida o mais obscurantista. Para entender a tragédia do povo uruguaio é necessário recorrer a estatísticas. Elas nos mostram 11,7% da população fora do País; 62 mil membros do governo para assuntos de segurança interna; um preso político para cada 600 habitantes. Com insistentes violações dos mais elementares direitos da pessoa humana a ditadura implantada no país é a solução de força para o que só tem solução com a participação popular. Mas os militares uruguaiois têm horror às

idéias de democracia, liberdade ou participação qualquer que seja. O atual presidente não governa; o poder é efetivamente controlado pelos militares que se reúnem em conselho de quatorze generais da ativa. O presidente Aparício Méndez quando de sua posse declarou que jamais chegaria à presidência através de eleições. Ao mesmo tempo disse que eleições só interessam aos inimigos do País.

O regime nitidamente autoritário proibiu qualquer debate político e suprimiu toda e qualquer manifestação popular. Nas escolas superiores os estudantes não têm mais matérias relacionadas com a história das idéias políticas. Destas fábricas da direita, sairão sociólogos, filósofos, economistas

que não saberão o que é marxismo, anarquismo ou qualquer outro "ismo". Os jornais, revistas, livros e todos os meios de comunicação vivem sob severa vigilância censória.

Um comitê de oito oficiais se responsabiliza pelo encaminhamento da repressão política no órgão chamado Operación Comandos Antisubversivos. Deste órgão, depois de "delicados e sutis" interrogatórios, os presos são levados às três principais prisões do país; Punta Carretas, Punta Rieles e a mais sui generis de todas, Libertad.

Exigindo atestados de fé democrática, proibindo o uso de jeans, cerceado toda a manifestação cultural, a direita uruguaia ressuscita uma forma totalitária de governo que se pensava morta com Hitler e Mussolini em 1945.

SEM COMENTÁRIOS!

"Eu Lecionei a Todos Eles..."

N. John White — Stillwater, high Scholl Oklahoma.

"Tenho ensinado, no ginásio, por dez anos. Durante esse tempo, eu lecionei, entre outros, um assassino, um evangelista, um pugilista, um ladrão e um imbecil.

"O assassino era um menino que estava no lugar da frente e me olhava com seus olhos azuis; o evangelista era o mais popular da escola, era líder dos jogos entre os mais velhos; o pugilista ficava parado perto da janela e, de vez em quando soltava uma gargalhada abafada, que até fazia tremer os gerânios; o ladrão era um coração alegre, diria libertino, sempre com uma canção jocosa em seus lábios; o imbecil, um pequenino animal de olhar macio, dócil, procurando as sombras.

"O assassino espera a morte numa penitenciária do Estado; o evangelista está enterrado, há um ano, no cemitério da Vila; o pugilista perdeu um olho numa briga em Hong-Kong; o ladrão, na ponta dos pés, pode ver, da prisão, as janelas do meu quarto; o imbecil, de olhar macio, bate com a cabeça na parede forrada de uma cela, no asilo municipal.

"Todos eles, um dia, sentaram na minha aula; sentaram e olharam para mim, gravemente, das suas carteiras escuras e usadas.

"Eu devo ter sido uma grande ajuda para estes alunos... Eu lhes ensinei o esquema da rima dos sonetos elizabetanos e como colocar em diagrama uma sentença completa..."

(Traduzido e adaptado por M. Aldina S. Furtado)

Esta página está aberta para todos. Escreva o que quiser. Critique, elogie, Esculhambe. Não temos nenhuma censura. Basta que os artigos sejam assinados.

"Na marreta"

Paulo Francis —

"Vocês não vão me acreditar mas a Corte Suprema dos EUA declarou constitucional o direito de professores disciplinarem na marreta os alunos, o que chamam aqui de "padding", pau no bum-bum das crianças. No Brasil, na geração anterior à minha, existia a palmatória. Talvez ainda exista no interior do País. É um tanto surpreendente que a Corte Suprema dê sanção oficial ao sadismo de professores. Devemos nos lembrar, porém, que 4 dos 9 juízes foram nomeados por Richard Nixon.

"Devo confessar meu preconcei-

to contra professores. Certo, alguns dos meus melhores amigos são professores, como dizem os anti-semistas so falarem mal dos judeus. Não me passa pela cabeça um professor de infância e adolescência que me tenha ensinado algo de útil, exceto a ler e as quatro operações, mas suspeito que eu aprenderia sozinho, se me dessem oportunidade. O resto era e é total asneira. Alguém que escreva como os professores de Português nos ensinam a língua nunca se tornará um jornalista modestamente competente.

"É preciso um temperamento de rara mediocridade para ficar repetindo todo ano as mesmas banalidades que são ensinadas nas es-

colas e que, raras, têm a menor relação com a realidade. O professor aceitável é aquele que indica ao aluno as fontes disponíveis de saber. É o que reconhece que a única educação possível é a auto-educação. O resto é uma forma besta de tirania. E o professor assertivo, fiel irremovível do rotineiro, admirador do sadismo, é, na minha experiência, o tipo majoritário. Armado de palmatória então se converte no Aristardo de fama literária. A Corte Suprema dos EUA agora restaurou o animal, na plenitude. Prefiro Frankenstein. É mais inteligente".

Os textos acima elucidam bastante bem a incompetência da razão de efetuar julgamentos sobre pessoas, no terreno intelectual. Dia a dia se comprova, mais uma vez, a total incapacidade de uma análise crítica de uma pessoa no terreno intelectual.

A história é cheia de exemplos de fatos que vão confirmar mais uma vez isso e que convém se meditar. A maioria dos grandes homens da humanidade foi considerada por seus professores como débeis mentais, ignorantes e incompetentes.

Verdi foi reprovado no conservatório de música, Lawrence Durrell não foi admitido em Cambridge, Alberto Moravia teve pouco estudo além da escola primária, Truman Capote, fracassou na escola ano após ano por puro fastio, William Faulkner não conseguiu nota suficiente para se formar pela escola secundária de Oxford, Graham Greene tirou último lugar num concurso de contos que entrou com pseudônimo e Charles Chaplin tirou 3.º lugar num concurso de imitadores de Charles Chaplin...

Sem comentários!

"RECEITA PARA SE FAZER UM GENIO"

Ingredientes:

Uma máquina de filmar Super-8, se possível emprestada, de 1 a 8 batráquios (pessoas ingênuas, manipuláveis, que andem atrás de intelectuais e artistas, que gostem de se privar com os mesmos) e 3 livros tidos como de "esquerda" que — importante — não precisam ser lidos.

Modo de Fazer:

O aspirante a gênio, semanas antes das primeiras tomadas, deve comparecer a locais onde pululam intelectuais. Dizer palavras sem sentido e desconexas mas carregadas de inflexões de voz e gestos magnificantes. É imprescindível, para o bom resultado do quitute, que se use roupas ou extravagantes, estilo Jean Harlow e Pola Negri, ou fantasia "não sou burguês não" (calça desbotada e camisa solta ao vento). Não se deve esquecer a barba e os cabelos num cuidadoso desalinho.

Coloque os batráquios (sapos) diante da câmara, nas mais curiosas posições (esse tipo

de animal faz tudo, docilmente, desde que acredite que está fazendo um "grande trabalho" intelectual). Facilmente se consegue fazer eles acreditarem nisto com expressões faciais retiradas das telenovelas, levantar de sobranceiras e bocejos, quando eles pedem explicações, ou risadas críticas quando eles começarem a falar. Nunca explique nada. Execute. Empréstimo ao ato a força da sua personalidade. Lembre-se que a inteligência não é um ente ideal que, facilmente, se demonstra com pequenos gestos. Pode-se fazer tudo com os batráquios que sempre aparece alguém para descobrir um significado depois da primeira exibição. Não se preocupe, portanto, com lógica, coerência e seriedade. Estas coisas são preconceitos pequeno-burgueses. E mesmo, serão emprestadas estas características pelos primeiros que virem a obra, se forem seus amigos. Chame um crítico amigo que ele encontrará uma série de coisas que você nunca sonhou em filmá-las.

Sugestões para tomadas de cenas:

Amarre um pano bem comprido na cabeça de um suposto ator. Faça-o correr e dar

gritos terríveis diante da câmara. Depois filme o sol, as nuvens. Volte às expressões faciais do ator. Mandê que ele se solte. Expressão técnica que significa botar o batráquio para fazer coisas que ninguém entende e sem significado algum. Grunhidos é uma boa pedida!

Uma "atriz" pode depenar uma galinha. Outra pode dar pulos. Rolar pelo chão sempre dá muito efeito. Vários atores rolando pela grama chega a ser épico.

Intercalar nas cenas pessoas indo e vindo ao trabalho. Dará um aspecto social ao filme, sempre bem vindo.

Planos fixos de cerca de 3 minutos de pessoas paradas com expressões neutras são muito sugestivos...

A música pode ser de discos em 78 rotações por minuto. Obtém-se um ótimo efeito e você parabenizado pela originalidade da composição. É importante que a fotografia não seja nítida. Cria um certo élan. Fundamental é que não se gaste muito também na produção. Porque corre o perigo de ser confundida com uma super-produção americana...

Os Intelectuais, a Mistificação e o Poder

Nós vivemos numa sociedade de mitos.

Existem mitos religiosos, econômicos e intelectuais.

O espantoso não é isto. É que a própria intelectualidade que por definição deveria procurar desmistificar, ao contrário, utiliza toda sorte de atitudes para transformar-se em mito e os intelectuais em deuses.

Como se mistifica? Teríamos de acompanhar o desenvolvimento desta arte no decorrer dos séculos e a sua atual utilização dos conhecimentos psicológicos e mesmo até, da psicanálise.

Desde muito cedo, as classes sacerdotais dos antigos impérios teocráticos descobriram, que além do chicote, seria interessante um processo no qual as pessoas obedecessem de maneira mais dócil. A coisa melhor do mundo para um ditador é que o povo obedeça. A segunda coisa mais querida é que obedeça contente. Ora, para obedecer o chicote até agora é o mais eficiente instrumento. Mas o terror tornou-se ineficiente. Só serve mesmo para manter o tirano na posição de mando. Porque, permitam-nos ser didáticos, quando o homem saiu do período chamado do comunismo primitivo estabeleceu o escravismo, criando assim duas classes sociais, percebeu que a autoridade organizada no Estado era o instrumento fundamental da opressão. Só passou a existir a autoridade de um homem sobre outro à partir do momento em que houve classes sociais. As autoridades primitivas utilizavam unicamente o chicote.

Com a complexidade do desenvolvimento econômico, era necessário que os trabalhadores escravizados gostassem do trabalho, cooperassem com a sociedade e portanto as classes dominantes precisariam de métodos mais sutis.

A origem dos processos e mistificação está nas teocracias antigas. Como as causas que fizeram surgir o fenômeno ainda não desapareceram, vivemos ainda numa sociedade estratificada onde a complexidade de produção é maior, a mistificação para convencer a todos que tudo vai bem, é portanto, proporcional.

E os intelectuais?

Bem, os intelectuais são originários da pequena burguesia uma classe por si só mistificada e mistificadora.

Numa sociedade estratificada, o poder representa o aparelho de repressão de uma classe dominante para usufruir da sua situação privilegiada. Logicamente todas as classes médias vão disputar este aparelho, aproveitando-se das crises econômicas do sistema para alçar-se a esta posição de mando. Uma facção da pequena burguesia intelectualiza-se, passa a organizar as massas oprimidas e espera uma crise. As próprias contradições econômicas do sistema o precipitam em verdadeiros caos político-sociais. Quando isto ocorre, este bando de "poetas" manda o povo atacar o poder e estabelece uma nova dominação em cima deste mesmo povo que foi mistificado por ele.

Ora, só a mistificação pode fazer com que seja possível iludir-se os trabalhadores. Eles devem aceitar primeiro que os intelectuais os guiem; segundo, aceitar uma nova ditadura, salários fixados pelo Estado e toda sorte de situações suspeitas na nova sociedade. Por isto mesmo há a necessidade de um novo poder ditatorial e repressivo.

A primeira coisa que os intelectuais precisam assegurar para dominar a situação depois de uma forte crise social, é a posição de domínio das massas. Precisam criar uma hierarquia e ocupar os cargos de chefia. São a "vanguarda" . . . Claro está que só se pode dominar chefiando e só há chefia porque tem que se dominar as pessoas para que elas aceitem uma situação inaceitável em termos de trabalho. Se algum dia, em algum lugar do mundo, o trabalho, mais precisamente as relações de produção, deixarem de ser o que são, a chefia deixa de ser necessária. Mas para botar para trabalhar por um salário ou moradias precárias tem de ter chefe, muito pau, censura e mistificação. A KGB é a CIA que o digam. . .

No caso dos intelectuais, nos lembremos que eles vêm de uma classe pequeno-burguesa. É dessa classe que eles aprendem que o povo precisa ser posto para trabalhar, que é preciso ser dominado por eles por ser infantil, inconsequente e ignorante. Esta é, em essência, a estrutura do pensamento pequeno-burguês que a intelectualidade herda de sua classe originária.

O povo vê novela, o intelectual lê Sartre. . .

Mas aí surge um grande problema. A classe média está "qualificando a mão-de-obra" — capitalismo industrial — para servir ao complexo tecnocrático. A classe mais alta é que detém de fato o poder de decisão e de mando. E, através de poderosos meios de comunicação, mistifica este mesmo poder, travestindo-o do seu contrário.

No caso dos intelectuais a situação é espinhosa. Mas sua ânsia pequeno-burguesa de poder faz com que esses hábeis manipuladores de símbolos apossam-se de áreas, as últimas, de domínio público. Transformam em feudos as artes, literatura e os jornais que são estruturas mais abertas.

Este domínio se divide em dois: o puramente estratégico e o pessoal, onde a psicologia entra em jogo. Inicialmente estes intelectuais associam-se a pessoas medíocres cuja função é formar o seu auditório. Dominam pessoas em volta. É um

processo lento de intoxicação onde estas pessoas são submetidas a técnicas extraídas da psicologia e da psicanálise. Em alguns casos a conquista é feita prometendo-se favores que poderão nunca ser cumpridos. É o caso do professor universitário que promete bolsas a interesseiros alunos ou mesmo até futuras cátedras.

Desde o Egito antigo que se descobriu que certas poses, certas estratégias, associadas a palavras, dão caráter místico às palavras e pessoas. Assim sendo, o intelectual pequeno-burguês em sua trajetória ao poder, inicia sua carreira tomando certas atitudes peculiares. As mais comuns: assume uma performance; fala pausadamente como psicólogos e orientadores com adolescentes e fantasiavam-se. A simbologia das roupas é importantíssima. Em geral assumem uma certa extravagância (no caso dos artistas) ou um abandono intencional (sociólogos, jornalistas e cineastas). Existem certos tiques também. As vezes utilizam um livro como simbologia de status. Chegam displicentes num bar e deixam o livro na mesa, satisfeitos com os tímidos olhares dos colegas em direção ao título. São profundamente delicados com as pessoas quando querem formar o seu coro. Pagam contas, falam macio, são discretos, em geral revelam bom-humor e fazem piadinhas irreverentes por minuto. A irreverência sempre agrada. . .

Um dos aspectos fundamentais é que torna-se profundamente necessário que o intelectual defenda as causas mais justas. Este é o aspecto mais curioso da mistificação. Em realidade, o pequeno-burguês "revolucionário" quer é dominar áreas da comunicação, se preparando assim para, na primeira crise social, assumir o poder, criando uma nova classe, e, portanto, estabelecer uma ferrenha ditadura em cima de todos. Quando tomar o poder a censura vai comer solta, os julgamentos serão sumários, acompanhados da calúnia dos presos, a moral sexual vai se igualar à Idade Média, enfim, quem não rezar pela sua cartilha será assassinado. É preciso que fique bem claro que tudo isso é consequência da tomada do poder por uma nova classe dominante, originária da pequena burguesia, a facção intelectualizada. Só uma ditadura violenta pode garantir o poder para esta nova classe. Repetimos: admitir-se o poder para os intelectuais é uma ideologia (no sentido de Marx dá à palavra) que encobre um fato de natureza infra-estrutural: em vez do povo, quem assumiu o poder em seu nome, foi uma nova classe que, originária da pequena burguesia, herda sua mentalidade.

O grande problema, para essa nova classe em formação, é que este fato não pode ser revelado porque até mesmo os mais ingênuos retirariam o seu apoio. Portanto, estes jovens aprenderam que a mistificação deve ser feita a partir das reais reivindicações das pessoas. Assim sendo, defendem liberdade de imprensa ao mesmo tempo que exercem uma censura feroz dentro dos jornais quando os dominam. Democracia; quando lhes derem o poder (ou o tomarem), a primeira coisa que farão é abolir todos os partidos e só deixar o seu. Liberdade sexual; no poder, esta minoria reprimirá violentamente o sexo.

Todas as causas justas, sejam quais forem, fazem-nas suas também. O que em realidade querem é formar seu coro de barbaquios e liderar as massas. A única coisa que não pode ser colocada em questão é que eles e só eles é quem devem mandar. O importante estrategicamente falando, não é o conteúdo do que se diz mas a posição que se ocupa. . . Desde que o intelectual mande, fará tudo para que este status seja atingido e conservado. Desde lutar bravamente pelas reivindicações do povo, para angariar simpatia, até os métodos mais sutis de persuasão.

Enquanto eles não tomam o poder, não têm a seu serviço a polícia secreta e o exército, fazem tudo que o povo quer, desde que ocupem o lugar de líderes.

Não estamos dizendo nenhuma novidade, utilizando recursos econômicos oriundos da própria burguesia alemã, Hitler angariou o apoio das massas utilizando seus sentimentos de revolta inconscientes, habilmente manipulados. Prometeu tudo, foi colocado no poder e deu em troca a mais bizarra ditadura da história.

Na Europa atual, certos intelectuais estão prometendo até fugir aos seus princípios ditatoriais clássicos, criando uma nova versão de seu domínio. Quem quiser que acredite. . .

Mas, voltemos aos nossos intelectuais.

Existe o tipo que, para atingir o status de "inteligentzia" passa a frequentar "ambientes". Esses ambientes frequentados por intelectuais pequeno burgueses são semelhantes e têm o mesmo efeito dos antigos santuários. Os novos deuses são vistos em acontecimentos sem importância — a exibição de um filme japonês sem legendas em português, por exemplo — mas que são revestidos da maior significação. . . E todos reverenciam. . .

É muito importante que o jovem intelectual seja visto. Nesses locais, deve estar em companhia das cabeças coroadas mais antigas, em papos onde as risadinhas são ouvidas a partir de discursos que ninguém entenderia a não ser eles mesmos. Intelectual burguês fala em código. Extraem de livros palavras soltas e as dizem para testar a cultura do colega, e quando se

comunicam por esse cansativo exercício dão risinhos nervosos e um suspiro de alívio por terem lido também aquele trabalho em servo-croata, que só o professor fulano trouxe de não sei onde. . .

Os faraós do antigo Egito utilizavam roupas e artefatos complexos para impingir ao povo respeito. Só apareciam em sacadas, palanques, depois de toques de trombetas, etc. Os intelectuais aprenderam com eles a mistificar. Utilizam-se de roupas exóticas ou habilmente confeccionadas para os fins a que se propõem, têm gestos convencionais e participam de cerimoniais carregados de élan.

Bem, depois que o inteligente mocinho faz tudo isso, reúnem-se em sua volta outros aspirantes a "gênio", diríamos mesmo, aprendizes. Vão formar o coro de batráquios. Tudo que o chefinho diz eles aprovam. Muitas vezes agem mafiosamente. Oprimem os outros. E assim, assumem o poder nas artes, na literatura, nas universidades, nas organizações operárias, nos partidos, em associações e, depois, se derem sorte, na sociedade.

O curioso é que esse tipo de gente concorda em deixar para depois a tomada do poder político e se contentam em tomar o poder onde tiver gente ingênua por perto.

Organizam jornais onde eles são os presidentes, eminências pardas e, portanto, censores; fazem cineclubes onde têm as chaves dos armários de filmes e presidem tudo e todos, só exibindo os filmes que lhes interessa, censurando mais radicalmente que a Polícia. Os mais ousados, dominam mesmo áreas inteiras das atividades humanas. Chegam a dominar jornais inteiros, com uma extensa rede de batráquios espalhados nos órgãos de comunicação. Assim sendo, todas as coisas insólitas que eles fazem são tidas como grandes coisas. Um livro sem sentido, uma peça mal montada passam a ser coisas fantásticas, nunca vistas, porque o coro de sapos age. Desta maneira criam reis de poder absoluto em áreas de — antes deles — domínio público. As artes, a imprensa, as organizações universitárias. O teatro passa a ter um dono, as artes plásticas também e assim por diante. Nada se faz sem a aprovação deles.

Embora, para o grande público, eles se apresentem como muito liberais (já o vimos porquê e visando o quê a pequena burguesia não admite oposição. Em caso de uma verdadeira oposição, o coro vai agir impiedosamente. Com sorrisos aprovativos do mestre, os batráquios chegam mesmo a se aproximar nos métodos, aos nazi-facistas

Primeiro fazem uma censura violenta de tudo que pode contrariar a boa imagem do que eles fazem. Não admitem nenhuma oposição. O seu poder construído pacientemente, através desses métodos — retenção de informação, conchavos, apropriação indébita de áreas de comunicação, agremiações, de oportunidades criadas para todos — é muito, muito forte.

Quem os desafia, passa a ser censurado por certos jornalistas, que em geral são amigos desse tipo de gente e trocam favores. Portanto, a grande imprensa não noticia nada a respeito de quem é contra a eles. Segundo, vêm as pressões sociais. Essas pessoas estão em toda parte e são inescrupulosas. Dominam escolas, universidades, jornais, revistas, estações de T.V. e quando consideram uma pessoa maldita, decretam sua morte. Não lhe permitem expressão. Isolam-na no ambiente onde vive, espalhando calúnias terríveis a respeito da pessoa que tem a ousadia de não temê-los. Para se conseguir alguma coisa não basta ter inteligência, ser informado ou competente, muito pelo contrário, é muito mais necessário a agradar a esse tipo de gente. A maneira única de agradá-los é concordar em aceitá-los como líderes e chefes. Daí decorre o medo que todos têm deles e, portanto, sua ditadura, antes de se instalar politicamente, já se estabelece intelectualmente.

As campanhas de difamação, queimações maciças das pessoas não subservientes, são coisas cotidianas. Neste aspecto, o coro de batráquios é de uma eficiência fantástica. abafa com gritos e vaias se a pessoa fala em público (isso é uma forma de censura) e espalha mentiras a respeito de tudo que a pessoa faz ou é.

Goebbels dizia que uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade e o intelectual pequeno-burguês fez disso profissão de fé.

Mistificar é, através de técnicas e lances dramáticos, falsar a verdade em benefício de um ditador para salvaguardar-lhe os privilégios. É através dessa mistificação que os sistemas universitários se mantêm, falsos artistas são aceitos, pessoas, incompetentes até, são tidas como criaturas de espantosa capacidade.

A coisa que esses intelectuais mais gostam é julgar os outros. São vistos, comumente, em mesas, julgando os outros quando não podem julgar de fato e condenar a morte. Julgam trabalhos de jovens escritores, teatrólogos e artistas plásticos. Criam cursos universitários que só uma grande dose de mistificação pode mantê-los, porque são de baixíssimo nível. Erram terrivelmente na condução de movimentos estudantis, artifícios. Chegando mesmo a sepultar movimentos inteiros devido a

erros táticos monstruosos. Todos calam. Dão desculpas aqui e alí, explicações esfarrapadas, cuja única função é esconder que o erro é fruto apenas de uma ideologia pequeno-burguesa de poder que essas pessoas professam.

A atitude primeira, por exemplo, diante de um artigo como este, é de estupor. Os batráquios coitados, agem da maneira descrita acima sem nem o saberem. Emotiva e ingenuamente. Quando entram em contacto com uma informação deste tipo, ficam desnorteados. Às vezes tontos, pelo lampear de uma centelha de consciência, vão pedir explicações aos chefes. A mistificação que essas pessoas são submetidas é muito forte, mas é preciso que nos lembremos que são seres humanos e, portanto, vez por outra, desconfiam. Como não podem perder a amizade do chefe, têm medo de serem julgadas e reprimidas por ele tentam superar a confusão inicial que essas palavras despertam no seu espírito de batráquio.

Procuram o chefe. Chegam tímidos. Gaguejando. Dizem: Já leu?

O chefe lacônico — Lí. Faz parte da técnica de mistificação não dar importância aos adversários e, principalmente, às críticas. Enquanto não se pode mandar matar, a melhor maneira é agir assim.

O batráquio:

— Eu achei que ele tem alguma razão em algumas coisas. . . Detalhe: não olha o chefe. Mede as palavras. Não quer que se pense que ele concorda. É necessário que se saiba que quer apenas um comprimido ideológico, ao seu nível, para sair do estupor. Não gostaria de ser repudiado pelos colegas. . . E para não o ser, sabe muito bem que tem de acatar o chefe e jamais desobedece-lo.

O chefe dá um riso amargo:

— Pelo amor de Deus, não me diga que você agora é reacionário? Essas pessoas são imbecis, inconsequentes. Não é nada disso. Isso é puro nazismo. Cuidado para você não cair no ridículo. Essa gente está muito queimada.

O sapo, cabisbaixo:

— É você tem razão. . . Sai desvairado para o ataque.

Uma das técnicas da mistificação é utilizar palavras que nada significam. É adjetivar. Os batráquios são pouco lidos e ingênuos. Raciocinam de maneira linear. Bom é isso, mal é aquilo. O mal clássico seria o demônio, o nazismo, o facismo, ser reacionário. Como são incultos, se um nazista tomasse certas posições progressistas para conseguir liderar, eles seriam nazistas sem nem o saber. É esse maniqueísmo que oferece possibilidade ao chefe de apenas utilizar adjetivos e com eles resolver o problema. Porque analisar, que é que seria o bom, é perigoso. . .

E se ficar claro que essa intelectualidade pequeno-burguesa é uma nova classe em formação? E se ficar claro que esses meninos exercem um poder grande em áreas de comunicação, apropriando-se de todas as oportunidades, tendo um coro de batráquios para servi-los? Portanto, é preciso se defenderem e, para tal, usam essas técnicas.

A humanidade é muito interessante. Isso não é novo. A burguesia, então classe média no feudalismo, fez a mesma coisa e assumiu o poder, dizendo (imaginem o quê?! justamente que iria promover a liberdade, a igualdade e a fraternidade. O que fez está aí.

Esses intelectuais, para mistificarem, dizem tudo. Que são isso e mais aquilo, que pretendem isso e aquilo, que permitem isso e aquilo. A última coisa mais importante da mistificação é dizer uma coisa e fazer o oposto. Pode-se fazer tudo. Apoiar tudo, repudiar tudo, desde que se garanta a chefia. Se preciso for apoiar até inimigos, apóia-se desde que se chefie. . . O importante é liderar as massas.

Já pensaram que horror seria se os trabalhadores tomam o poder por eles? E o pior, se forem ajudados por intelectuais bastardos e malditos, "cretinos", "uma canalhada inconsequente", que não querem o poder? E, não contentes, esses intelectuais "traidores" de sua classe original fazerem a massa perceber que ela é quem deve detê-lo? Que oportunidade esses intelectuais perderiam de se tornar classe dominante. . . Suas ditaduras iriam pro brejo. . .

Mistificar é dizer uma coisa e fazer outra e utilizar desses meios para todos acreditarem que se quer liberdade, igualdade e fraternidade, apesar de se exercer, de fato, uma feroz ditadura.

Isso prova, sociologicamente falando, que o intelectual que assim age, nada mais é do que uma pessoa comprometida com as idéias centrais do pensamento pequeno-burguês. O que ele diz do seu exercício de poder é apenas mistificação.

O problema todo é esse: ser intelectual é uma coisa. Transformar o saber num poder de dominação, de mando e decisão, é outra. Qualquer aspiração e exercício de um poder ditatorial é uma atitude pequeno burguesa. Mesmo que se diga o que se disser disso. Mesmo que o deus Marx tenha agido assim.

Múmias de Lênin e Mao não devem impressionar. Não estamos mais no antigo Egito. Só a libertação do jugo e do mando podem escapar da estreita viseira pequeno-burguesa.

"O Caminho da Liberdade é a Liberdade"

Parece difícil de acreditar que um trabalho de tamanha envergadura tenha sido realizado por um cientista brasileiro, com tanta objetividade clareza, e, acima de tudo, com um verdadeiro espírito crítico e científico. Luis Alfredo Galvão realiza junto à historiografia e à sociologia moderna mundial um trabalho de real importância. Analisando Marx, sua doutrina e sua geração dentro do período da Revolução Alemã, em 1848, desnudando a sua prática política e criticando, em alguns momentos, a concepção materialista marxista.

Galvão, no início do livro, apresenta o quadro patético da falência dos regimes socialistas autoritários; atribuída, por eles próprios, a uma falha supra-estrutural e que, para corrigi-la bastaria uma mudança na equipe dirigente (pela revolução apenas política). Resta saber "se o próprio Estado não é um fator gerador de classe".

De início, esclarece Galvão, "tentou-se salvar o leninismo do stalinismo, e depois o marxismo do leninismo. No momento que se deveria chegar ao próprio marxismo é que a crítica se detém. Ora — conclui ele — quando se desencadeia um processo crítico, é impossível parar no meio do caminho. Não se pode ser mais ou menos crítico: ou se vai até o fim, ou abandona-se a crítica para se contentar com um novo dogmatismo reformado". (grifo nosso)

O marxismo petrificou-se. Tornou-se um museu de cera. A URSS aí está. Como foi possível que daquelas promessas de 1917 (de liberdade e igualdade), surgisse um regime totalitário, despótico, etc.? Diz Galvão: "A explicação de Kruschew não satisfaz a um marxista. A de Trotski tampouco, sobretudo quando se lembra o fato de que foi o próprio Trotski quem liquidou, triturou, massacrrou todos os que pretenderam fazer com que a revolução desse um passo à frente: Maknó, os marinheiros de Cronstad, todas as oposições de esquerda; e foi ele ainda quem defendeu o partido monolítico, a estatização dos sindicatos, a subordinação dos soviets ao partido, a militarização do trabalho, o terror". No entanto, continua Galvão, "é preciso não deter o processo crítico". O próprio Lênin, "defendeu com unhas e dentes a centralização, aceitou a definição do partido como sendo o agente consciente de um processo inconsciente (e para ele a consciência da classe operária é levada ao proletariado pelos intelectuais pequeno-burgueses)". Era um jacobino, fora de dúvida, ligado à classe operária. "Impôs a direção pessoal nas empresas nacionalizadas, o taylorismo etc". Ora, conclui Galvão, "se o partido é o agente consciente de um processo inconsciente, se a consciência vem de fora, a classe operária não pode ser livre no Estado Operário, uma vez que ela é inconsciente e só os membros do partido é que detêm a consciência de classe". Realmente não há "grande diferença entre o stalinismo e o leninismo: o leninismo é o stalinismo engatilhando". (grifo nosso).

O marxismo "deixou de ser (se é que algum dia o foi) uma teoria revolucionária, para se transformar num dos elementos do sistema estabelecido. Ele desarma o inconformismo". O marxis-

mo chega ao fim, como teoria e prática revolucionária, nos países mais desenvolvidos. Se constituindo apenas em mais uma forma de exploração do homem sobre outros e ajudando, cada vez mais, a perpetuarem-se as diferenças de classe, os sistemas de dominação e exploração. No entanto, para Galvão, essa crítica ao marxismo deve ser feita de um ponto-de-vista revolucionário. Pois, acha, estamos no "LIMIAR de uma nova era para o pensamento revolucionário". (grifo nosso)

Sabemos que o marxismo fragmentou-se. Dividiu-se em variadas facções dando prova de sua fragilidade. E, com isso, os intelectuais, a juventude, os elementos mais jovens da classe operária, etc. começaram a tomar consciência das propostas autoritárias e pequeno-burguesas do marxismo, do falso revolucionarismo, etc., preferindo posições mais coerentes e libertárias. Por exemplo, as propostas de autogestão: "numa crítica implícita ao papel do Estado Socialista". Os grupos feministas, movimentos ecológicos, na pedagogia, na antipsiquiatria, etc., esses movimentos, nos países da Europa, no Japão etc., são todos de tendência libertária. Onde o ponto de convergência é o ódio ao poder e, por extensão, ao Estado. "O Poder se tornou a palavra-chave da intelectualidade de esquerda na França, algo asqueroso — uma palavra obscena". (Jornal do Brasil — 25/9/77, "Intelectuais franceses rejeitam esquerda").

Em toda a extensão do livro, Galvão, procura analisar as posições de Marx e do seu companheiro Engels no período da Revolução Alemã. Pois é neste período, que aparece uma série de conceitos básicos do marxismo: ditadura da burguesia, ditadura do proletariado, revolução permanente etc., e que hoje são empregados "pelos marxistas da atualidade com uma rigidez dogmática, abandonando toda a sua historicidade, utilizando-os como se fossem axiomas de um corpo doutrinário rígido e fechado". (grifo nosso).

A dupla Marx & Engels soube como fazer para conseguir o controle do movimento operário internacional: desde simples porém maldosas intrigas envolvendo o nome de pessoas (como foi o caso de Bakunin — que foi irresponsavelmente caluniado pelo tsr. Marx, que o acusou de agente do Czar, desculpando-se somente um mês depois pelo erro cometido), até, apesar de Marx, no Manifesto do Partido Comunista, afirmar que, "os comunistas não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretenderiam modelar o movimento operário" uma grande parte do seu texto é dedicada à tarefa de combater às outras idéias socialistas da época.

"Foi precisamente o marxismo, no entanto, que esterilizou o pensamento revolucionário". Esclarece, "com a morte de Engels começa a luta no interior do marxismo, cada um dos grupos dissidentes admitindo unicamente o seu programa como sendo o verdadeiro dentro das concepções marxistas. O marxismo que sempre foi crítico com relação às outras concepções da revolução socialista, revelou-se acríptico com relação a si mesmo".

Em seu livro, Galvão mostra, que

todas as propostas de Marx naquele período, foram para a "Unificação de todos os alemães sob uma República una e indivisível. O verdadeiro objetivo de Marx, pode-se dizer era a Revolução Nacional Alemã", onde, o inimigo fundamental seria o "feudalismo e o governo absolutista, especialmente a monarquia prussiana". No entanto, para que o objetivo de Marx se realizasse, isto é, essa República de todos os alemães "unida, indivisível e rigorosamente centralizada", FOI por intermédio de um outro "grupo de socialistas alemães autoritários, os Nacionais Socialistas", sendo o seu principal líder: Hitler "IRONIAS DA HISTÓRIA".

Para se conhecer o Marx do período da Revolução Alemã de 1848 é necessário conhecê-lo na sua prática — no cenário da revolução. Coisa que não foi feita pelos próprios marxistas. "Evidentemente porque o revolucionarismo de Marx deixaria o marxismo doutrinário em situação bastante embaraçosa". Foi com base na sua concepção histórica que participou da revolução. Se abandonou o "movimento operário e filiou-se ao radicalismo burgueses, foi por julgar captar as leis que regem o movimento da história". E para ele a classe operária "não poderia ser revolucionária a não ser que a burguesia detivesse o poder político. E este poder político da burguesia era visto com uma decorrência do próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista".

Marx foi de fato um revolucionário. Resta saber de que revolução. Galvão esclarece "A revolução de Marx foi, inicialmente a revolução do Estado nacional alemão, depois, somente a revolução do Estado, não apenas como detentor da soberania absoluta (ditadura), mas também como monopolizador de todos os meios de produção. Ele acreditava que o Estado no cúmulo de sua potência, iria desaparecer. É verdade, Marx tinha a mais bela das intenções. E daí as intenções são o objetivo final, que é relegado para uma futura longínquo e, em relação ao marxismo, nós estamos no futuro".

No final do seu trabalho, Galvão evidencia que é como "História que temos de ver e fazer a apreciação crítica do marxismo". Onde o "desenvolvimento da economia estatal com sucessora da economia capitalista não gerou a liberdade". Prossegue: "O marxismo pode legitimamente ser posto em dúvida como doutrina da Liberdade". E esta teoria — leis e tendência da produção industrial — nos aponta para uma nova opressão".

"Quanto mais o curso da história nos leva para a opressão maior é a aspiração subjetiva da Liberdade".

"O CAMINHO DA LIBERDADE É A LIBERDADE".

Galvão, Luiz Alfredo — "Marx & Marx, ensaios 25, ed. ática, 1977.

UNCLE SAM IS COMING

Como sempre acontece em nossa história, quem mais será atingido por reformas políticas, o povo, é mantido ao largo das decisões. O senador Portella viaja daqui, viaja dali, conversa com bispos e advogados. Todos arquitetam a "redemocratização" do país como se nós já tivéssemos vivido alguma vez na história numa democracia. Nunca houve democracia no Brasil. Portanto, deve ser sincero pelo menos no vocabulário, já que os atos nunca o são. Se houver, haverá democratização. Mas tudo à revelia do povo.

Para sair do beco em que está desde finais de 1973, a "democracia relativa" (na palavra dos renomados cfnicos) busca consenso entre as organizações mais representativas do País: religiosas, de profissionais liberais, etc. Quando estiver pronto o que chamam de "institucionalização do regime", o povo receberá sem discutir, como mais um decreto: § 1º — a partir do dia tal trabalhador pode fazer greve, político pode se agremiar em partido, estudante pode fazer passeata.

Enfim, entenderam que greve, partido e passeata não alteram a estrutura de nenhum País, muito pelo contrário, bem comprometidos ajudam a manutenção do sistema. Quem mais compreende isto são os barões das multinacionais ameri-

canas. Não há porque oprimir povo algum. Partidos de esquerda? Estes desde que legalmente inscritos estão reconhecendo o sistema. Deles nada há a temer: vide Espanha, Portugal, França, Itália, etc. Por entenderem isto, os americanos resolveram inaugurar a política dos direitos humanos.

Para os estudantes de Brasília que pediram à mulher do presidente americano para resolver os problemas políticos do regime forte vigente no Brasil, através de uma carta entregue à simpática Rosalyn, é chegada a chance de falar com o marido da destinatária: Jimmy Carter vem aí. Mais importante que qualquer movimentação estudantil ou religiosa por "liberdades democráticas", a chegada do presidente americano vem sacramentar a democratização do País.

A democracia brasileira será outorgada como tudo de resto em nossa história: independência, república, etc. Para passar de uma ditadura para uma democracia será necessário apenas mudar de nome. Como trocar de camisa. O sistema brasileiro depois da derrota do "milagre econômico", que hoje ninguém assume a maternidade, se viu em contingência de mudar. Jimmy Carter surgiu no momento exato. Com todas as dita-

duras ameaçadas pela recessão econômica mundial, sendo questionadas por todos os lados, melhor é deixar o inconformismo jorrar pelos canais competentes da democracia burguesa, e por isto ele vem aí. Vai mostrar que o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil, para o Peru, para o Equador. . .

O MDB infelizmente para si próprio, vê com desalento suas bandeiras serem tomadas pela ARENA, agora, o partido mais interessado em liberdade e democracia. Apesar de desorientado o MDB ainda tem a Constituinte, este cavalo de Tróia que ninguém debate e ninguém entende. De qualquer modo, com ou sem Constituinte, ninguém é cego para deixar de perceber que a democracia vem aí. Outorgada, como tudo no Brasil, como o povo sabendo dos fatos já prontos, tudo feito à sua revelia. Afinal, a marca registrada do Sistema (que não é este de 64, é o mesmo de sempre de nossa história), fica. O importante não é sanar a fome. Importante é deixar o faminto fazer uma passeata em repúdio à fome. Se as multinacionais controlam os recursos do País, não importa. Importa é que você pode se afiliar a um partido de esquerda nacionalista que mande um deputado fazer discurso no Congresso contra as multinacionais. Tio Sam já sabe disto tudo e Jimmy Carter vem aí. . .

A Sua Eminência proibiu...

Francamente, é preferível apelar para "bozó" daqueles de "secar reitor".

O fato: o cardeal D. Avelar Brandão Vilela proibiu a circulação no clero de Salvador do documento "pela Justiça e Libertação". Proibiu e pronto.

Sejamos sinceros: sabemos que não interessam as possíveis "razões" da autoridade máxima do clero baiano, como tampouco interessa o que continha, propunha, enfim, dizia o tal documento. Não podemos é admitir proibições e censuras. Caso contrário, estaremos praticando a tão criticada (e surrealista) "democracia relativa".

Isso nos faz lembrar um grupo de — não vamos negar — bem intencionados rapazes, que, liderados por alguns colegas, saiu às ruas à clamar pela democracia. Clamor louvável, sem a menor dúvida.

Mas acontece que o grupinho que lidera estes estudantes prega a união com — pasmem — a Igreja. A Igreja que proíbe. De dedo em riste.

Seria conveniente lembrar aqui também que, no início do mês passado, em assembléia do curso de Ciências Sociais, em São Lázaro, colegas membros do DCE se postaram ardorosa e febrilmente em defesa da Igreja, à semelhança de coroinhas paranóicos.

Na sua cruzada camaleônica, a Igreja brasileira agora pode até contar com um ponto perdido. Lamentável o gesto do cardeal, que, seguindo a tradição milenar da Igreja, acreditamos estar empenhado em se amoldar à situação política social do País, de modo a transar bem com todos.

A Metafísica da Metafísica

São vários os filósofos que construíram os seus sistemas metafisicamente. Uns tentando superar outros. Mas, sempre no início ou no fim das suas análises, encontram barreiras insolucionáveis para responderem questões como: de onde viemos? quem somos? para onde vamos?. E, devido a isto, constroem seus sistemas de uma maneira que é facilmente refutável, deixando assim estas tão angustiantes questões perdurarem por séculos e séculos, amém. Surge então uma questão que talvez nos dê uma saída: como transformarmos a Metafísica em ciência?

A Metafísica até hoje necessita de um método científico para a solução dos seus milenares problemas, como a alma e o corpo, destino do homem, o ser, etc., e neste século, surgiu um método filosófico-científico que pode ser futuramente a saída destes problemas: a Fenomenologia. Porém, se transformarmos este método numa cientificidade metafísica, temos que fazer algumas mudanças nas suas operações, ou seja, fazer com a Fenomenologia o que Aristóteles fez com Platão, o que Marx fez com Hegel, isto é, de uma certa forma inverter o método.

Para começar, ao invés de intuirmos o objeto através da percepção e da sensibilidade, começaremos por intuirmos o ser em si através da meditação,¹ e alcançarmos a totalidade deste ser em si, de forma que seja universalmente aceito. Acontece porém, que devi-

do aos nosso milenares costumes metafísicos, corremos o risco de neste estágio sofrermos influências, deixando assim, em perigo, a cientificidade desta redução. O segundo passo então é subjulgarmos esta meditação à uma experiência racional, isto é, uma análise racional a respeito do ser em si, dificultando assim, a influência da metafísica ultrapassada. Porém, mesmo através do raciocínio a metafísica científica corre o risco quanto às influências de um raciocínio já "viciado" por interpretações anteriores a respeito do ser, do não ser do ente, da alma, etc., sendo portanto, mais uma vez necessário uma outra redução feno-metafísica para se atingir o ser em si como algo evidente, isto é, como uma verdade apodítica. Abro um parêntese para dizer que para se atingir o estágio científico-metafísico são necessárias todas estas reduções. Bem, vamos agora à última redução. A saída que há para atingirmos o ser em si tal qual ele se mostra, é através do contacto objetivo e permanente que dele tivermos através da nossa percepção de como ele se nos apresenta e não como nós pensamos que ele seja. É através das suas representações que nos chega através dos nossos sentidos, e sem a interferência imediata do nosso raciocínio, que conseguiremos no futuro, é claro, o conhecimento do ser em si. Ao contrário do sistema bergsoniano, a empatia tem que se processar através da penetração do ser em nós, e não vice-versa.

Federação Livre: Uma saída para o Movimento Estudantil

A análise atual da estrutura do movimento estudantil, leva-nos à conclusão de que ele se encontra num beco sem saída, diante de uma contradição insuperável dentro do modelo atual de sua organização.

Tomando retrospectivamente a evolução política do País nos últimos nove anos, ou seja, desde 68, veremos que só a partir de bem recentemente, a falência política e econômica do regime tornou-se impossível de ser ocultada, dando margem a uma maior participação de amplos setores da população na vida nacional, inclusive os estudantes, que têm sido sempre porta-vozes decisivos de todo ideal de mudança no País.

O problema com o qual agora nos defrontamos, é com o de conseguir uma organização eficiente para que o movimento estudantil possa enfim manifestar todo o seu ímpeto reivindicatório e transformador. O que vemos, porém, é que todos estes passados anos de "refluxo" do movimento nos legaram uma estruturação deficiente, o longo período de cerceamento e limitações à sua expansão, onde a luta realmente só era possível através de grupos muitos pequenos e fechados, levaram o movimento à crescente hierarquização e ao isolacionismo das entidades representativas, estas, por sua vez, cada vez mais subordinadas aos órgãos diretivos da Universidade.

Ora, se uma abertura, mínima que seja, se nos apresenta promissora, pelo menos como algo viável, torna-se claro que hierarquização e fechamento já não são compatíveis com o que se pretende, ao contrário, só tem prejuízos e atrasos a causar ao movimento. Por que, então tal estrutura persiste? Certamente porque seriam impossíveis transformações imediatas e totais, mesmo em se tratando de algo tão vanguardista como pretende ser o ME; mas, por outro lado, também porque existe o interesse de certos grupos influentes e poderosos dentro das escolas, que, por serem privilegiados na forma atual de organização, não desejam de forma alguma a evolução que acabaria sendo natural, para formas mais efetivas. Acharmos sinceramente que a estrutura arcaica e a pequena minoria que dela se aproveita são, hoje os maiores entraves ao livre desenvolvimento do movimento dos estudantes.

O que são e como funcionam os diretórios. O diretório é o órgão representativo dos estudantes de um curso, do qual, pelo menos teoricamente, todos fazem parte. Os diretórios são na verdade altamente dependentes da direção e dos colegiados de curso, quem determina e controla suas eleições e seu funcionamento em geral. Consta nos seus estatutos que os diretórios devam ser apenas "entidades culturais recreativas", ou seja, embora sendo legalmente ligados aos organismos educacionais, estes não lhes reconhecem

quaisquer atividades políticas e reivindicatórias, como decretar greves etc.

O diretório tem uma diretoria eleita, a qual costumeiramente identificamos com o próprio diretório, de certa forma muito justamente pois é esta minoria que encaminha e dirige toda atividade representativa dos estudantes, de resto sem grandes consultas ou comunicados aos demais. Aliás, trata-se de uma minoria quase que invariavelmente eleita também minoritariamente, simplesmente devido à grande abstenção comum nestas "eleições". Poderíamos dizer que, de fato, o diretório não representa o estudante.

Em síntese, o sistema de diretórios possui todos os instrumentos de alienação do estudante, a não ser que este aceite passivamente os ditames da "inteligentzia", poderá ter impedida qualquer tentativa de manifestação que se pretenda representativa do movimento estudantil. Este rígido controle, em casos frequentes, não se furta em se apelar à calúnia e outras formas de abuso do poder. Este poder, entretanto, está amplamente baseado no desinteresse do estudante em geral pelas questões que lhe dizem respeito diretamente. Inconscientemente ou não, este desinteresse é estimulado pelos "dirigentes", simplesmente pelo fato de eles acharem, e incutirem na massa, a idéia de que são eles que "fazem" o ME.

Está mais que evidente que esta maneira de pensar e de agir prejudica em muito o movimento. Acharmos que ao se pretender representá-lo num órgão ou num grupo de pessoas, trabalha-se pelo seu enfraquecimento e dissolução (da qual fatos como as infimas "assembléias gerais" de setembro poderiam ser tenebroso prenúncio, não soubéssemos tratar-se apenas de macaqueações do DCE, das quais, felizmente, boa parte dos estudantes já tem consciência).

Voltando aos procedimentos restritivos e exclusivistas, concluímos ainda que eles facilitam enormemente o trabalho da repressão, fato que as "lideranças", se conhecem, parece não lhes importar muito, haja visto como exibem orgulhosamente seus amplos currículos de suspensões, prisões e enquadramentos, como se estes "troféus" fossem um dos importantes objetivos do ME.

Nas recentes eleições para o diretório central (onde votaram quase metade dos estudantes), vimos que, a não ser algumas leves alusões referentes ao próprio sistema eleitoral, o problema estrutural do movimento permaneceu intocado pelo arsenal de cartazes e plataformas com que nos bombardearam as chapas concorrentes. Sequer a possibilidade de transformação dos diretórios em "centros acadêmicos" como em muitas escolas do Sul, onde estes são reconhecidos mas não dominados pelos órgãos diretivos. Parece claro que

uma solução para o problema jamais partirá de dentro do próprio sistema. Por outro lado, ainda, este vem sofrendo uma crescente oligarquização, sendo as eleições um jogo com cartas marcadas onde os perdedores participam apenas para fazer o "jogo democrático". Sendo este o atual estado de coisas, vemos que DCEs e quem mais que acredite e participe deste tipo de coisa, está copiando fielmente todo um sistema de poder o qual os próprios primam em criticar por ser inadequado e opressivo.

Uma federação livre como solução: Vimos que as bases para a obtenção de uma livre organização dos estudantes não partirão de seus atuais organismos representativos. Parece que a criação de alguma espécie de órgão independente é a solução que se impõe. Este, entretanto, deverá ser o menos possível parecido com os organismos estudantis que conhecemos, a começar pela independência que deverá manter diante de qualquer outra entidade e pelo caráter anti-dirigista, que o orientará. A idéia de uma Federação Livre de Estatutos, é sobretudo a idéia de algo que possa veicular livremente a participação de qualquer estudante que assim deseje fazer; de algo sem preceitos e sem chefias, que promoverá e estimulará para que todo estudante se torne sabedor da necessidade de se buscar e aperfeiçoar formas voluntárias de organização, nas quais não esteja presente nenhuma forma coercitiva de autoridade sobre seus membros. Numa palavra: buscar a autogestão do Movimento Estudantil. Acreditamos que uma ampla participação, aliada ao mínimo de controle, será a mais objetiva forma de organização para o ME, forma à qual este deve chegar desde agora, independentemente de objetivos mais imediatistas.

A federação deverá concretamente organizar-se a partir de grupos de curso, os quais terão total independência na sua participação junto à federação, assim como a terão os indivíduos nos seus grupos, onde não exercerão cargos nem desempenharão papéis específicos. A federação, que é aberta a todos os estudantes, tem como fundadores os grupos "Fantasma da Liberdade", "Fim de Festa", "Um Estranho no Ninho" e "Ovelha Negra", e pelo seu caráter independente, passará a existir e funcionar a partir de quando estes grupos em comum acordo assim o decidirem e anunciarem.

Resposta da página 9,
"A Metafísica da Metafísica":
aquele artigo não significa
absolutamente nada. Serve
apenas como exemplo de
mistificação intelectual.